

Tékhne grammatiké: alguns apontamentos

*Flávia Santos da Silva**

Resumo: Há dois mil anos foi publicada aquela que seria considerada a primeira gramática do Ocidente: a “*Tékhne Grammatiké*”, de Dionísio Trácio. Dionísio seguia os preceitos da Escola de Alexandria, onde, no período clássico, encontravam-se os gramáticos mais renomados da época. Esse autor escreveu essa gramática com o objetivo de fornecer uma análise textual para a compreensão de textos clássicos gregos. A nomenclatura que ele nos fornece nessa época está presente até hoje nas gramáticas atuais. Neste artigo, fazemos um estudo do capítulo 13 da “*Tékhne Grammatiké*” para fazer uma comparação entre as perspectivas gramaticais alexandrina e estoica sobre os verbos, sobretudo no que concerne ao aspecto verbal.

Palavras-chave: Nomenclatura gramatical. Verbo. Dionísio Trácio.

Tékhne grammatiké: quelques remarques

Resumé: La grammaire considérée la première de l’Occident a été publiée il y a deux mil ans: c’est la “*Tékhne Grammatiké*” par Denys le Thrace. Denys faisait partie de l’École d’Alexandrie où étaient, dans le période classique, les grammariens les plus renommés de l’époque. Denys a écrit cette grammaire en ayant comme objectif l’analyse textuelle des textes grecques classiques. La nomenclature qu’il nous offre dans cette époque est présente jusqu’aujourd’hui dans nos grammaires. Dans cet article, donc, nous faisons un étude du chapitre 13 de la “*Tékhne Grammatiké*” à fin de faire une comparaison parmi les perspectives grammaticales alexandrine et stoïcienne sur les verbes, surtout ce qui concerne l’aspect verbal.

Mots clés: Nomenclature grammaticale. Verbe. Denys le Thrace.

1. INTRODUÇÃO

A gramática de Dionísio Trácio (“*τέχνη*”) é considerada a primeira gramática do Ocidente, embora ele não tenha sido o primeiro a pensar sobre uma língua ocidental: Aristóteles, os sofistas e os estoicos também já haviam tido esse interesse, embora dentro do âmbito filosófico. A originalidade de Trácio foi oferecer um tratado:

[...] dirigido ao estudo da linguagem usado pelos autores clássicos, sem atender aos usos coloquiais e sem registrar as mudanças sofridas desde a época clássica até a do nosso autor, um filólogo helenístico já dos fins do século II e começo do I a.C.” (GUAL, 2002, p. 8)¹.

Isso significa que o termo “gramática” não é concebido por ele como nós o concebemos hoje, posto que sua gramática oferece um estudo filológico da língua grega para permitir a leitura e a compreensão dos principais autores clássicos de sua época. Com esse trabalho, pode-se, então, observar a estreita relação entre Filologia e Gramática, tendo esta última surgido como um instrumento daquela.

* Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora substituta de Língua Espanhola da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: flaviasantosbr@hotmail.com.

¹ “[...] dirigido al estudio del lenguaje usado por los autores clásicos, sin atender a los usos coloquiales y sin registrar los cambios sufridos desde la época clásica hasta la de nuestro autor, un filólogo helenístico de fines ya del siglo II y comienzos del I a.C.”

Assim, embora se costume traduzir “τέχνη” por gramática, esse termo, no âmbito da significação da obra de Trácio, encerrou ao longo dos séculos três sentidos distintos daqueles pelos quais compreende-se hoje por gramática:

[...] a única sobrevivente, a presente *Arte*, deve ser associada com aquele órgão da gramática antiga chamado “técnico”, isto é, o que capacita para a análise textual, depois reduzido ao âmbito docente que se chamou “metódica”, em contraposição à parte do comentário exegético dos conteúdos ou “histórica”. (BOTAS, 2002, p. 16)²

Na época de Trácio, sua gramática era uma técnica cujo único objetivo era a análise textual para compreensão dos clássicos gregos. À medida que ela foi tomando peso na Antiguidade, tornou-se um método de ensino para pessoas que não falavam o grego. Com a extensão de sua fama na Idade Média, virou o ponto de partida a partir do qual escólios foram escritos por comentadores, os quais fornecem um histórico sobre o desenvolvimento da gramática no Ocidente. “Técnica”, “método” e “histórico” são os três elementos-chave que permitem compreender sua gramática dentro de seu contexto de desenvolvimento.

Outro ponto a destacar é que, embora seja considerada a primeira gramática, Dionísio não é o primeiro gramático do Ocidente. Alguns autores até consideram que a Τέχνη é uma síntese sistematizada de estudos anteriores (cf. GUAL, 2002, p. 8). Ele fez parte da escola de Alexandria, que perdurou entre 300 a.C a 150 a.C, e na qual Zenódoto, Aristófanes de Bizâncio, Aristarco e outros fizeram edições de textos literários e observaram o funcionamento deles. Essa observação somou muitos dados sobre a língua grega, que Trácio teria reunido em uma única obra (cf. BOTAS, 2002, p. 14).

Por esse motivo, Trácio começa toda uma tradição que permite a sucessão de outros gramáticos, que, junto com ele, formam as bases da gramática no Ocidente:

A *Gramática* de Dionísio Trácio, a *Sintaxe* de Apolônio Díscolo, sobre a construção coerente da frase, e a *Prosódia* e a *Ortografia* de Herodiano, constituem as quatro obras gramaticais mais importantes que os gregos legaram a nós e a base da gramática tradicional.” (BOTAS, 2002, p. 14)³.

Como sobre a maioria dos autores antigos, os dados sobre a vida de Dionísio Trácio são imprecisas. Diz-se que nasceu em Alexandria, na África, mas que herdou o sobrenome Trácio, que significa ser proveniente da cidade de Trácia, na Europa, de seu pai Teres (cf. BOTAS, 2002, p. 15). No ano de 145 a.C, por causa de problemas políticos, mudou-se para Rodas, na Grécia, onde formou um conjunto de gramáticos que levaram seus saberes a Roma. Isso leva a crer que Elio Estilón, que foi mestre de Varrão, tenha sido seu discípulo, o que faz com que Dionísio Trácio seja o intermediário entre a gramática grega e a romana. Seu período de vida é estimado entre

² “[...] la única superviviente, la presente *Arte*, há de ser asociada con aquel órgano de la gramática antigua llamado ‘técnico’, es decir, el que capacitaba para el análisis textual, después reducido al ámbito docente que se llamó ‘metódica’, por contraposición a la parte del comentario exegético de los contenidos o ‘histórica’.”

³ “La *Gramática* de Dionisio Tracio, la *Sintaxis* de Apolonio Díscolo, sobre la construcción coherente de la frase, y la *Prosodia* y la *Ortografia* de Herodiano, constituyen las cuatro obras gramaticales más importantes que nos legaron los griegos y la base de la gramática tradicional.”

170 e 90 a.C, por aproximação, a partir dos dados biográficos de ter sido discípulo de Aristarco e mestre de Tiranião (cf. BOTAS, 2002, p. 15-16).

Sobre a fonte dos manuscritos da “τέχνη”, Lallot (1989, p. 13-14) explica que há dezenas de manuscritos medievais dos séculos X e XVIII que referem o mesmo texto, alguns permaneceram de maneira integral, outros possuem algumas lacunas. Além do mais, há muitos escoliastas que o comentaram, o que fornece mais uma fonte para a edição e a crítica do texto. A primeira edição impressa é de Fabricius em 1715; a segunda, de Bekker em 1816, a qual, como muitas das edições que esse filólogo fez de textos antigos na Alemanha, continua sendo obra de referência até hoje. Outra edição importante é a de Uhlig em 1883.

Neste artigo, oferecemos uma leitura do capítulo 13 da Gramática de Trácio para pensar as diferenças entre a escola alexandrina e a estoica sobre a concepção de verbo. O nosso foco está em contemplar a questão da nomenclatura gramatical, naquilo que se refere à relação entre tempo e aspecto verbal.

2. UMA LEITURA DA *TÉKHNE*

A estrutura da *Tékhne* assemelha-se a um dos manuais de Diógenes de Babilônia, que fazia parte da escola dos estoicos, aos quais é atribuída à invenção dos compêndios técnicos, os quais são compostos de definições acompanhadas de exemplos (“definitum”) e seguidas de uma lista de acidentes (“parepómena”) e de espécies que permitem enumerar subclasses (cf. LALLOT, 1989, p. 15).

O conteúdo é helenocêntrico, uma vez que os gramáticos gregos não se interessavam muito por outros idiomas a não ser o seu próprio. O latim, inclusive, era considerado por Filoxeno, gramático grego do séc. I a.C, como um dialeto do grego eólico (cf. LALLOT, 1989, p. 16). O ponto de referência seria a “koinè”, que era uma língua mais simplificada, por tratar-se do grego comum falado pelo povo.

Adentrando a obra em si, observamos que ela é dividida em 20 capítulos, dos quais apenas o capítulo 13, sobre os verbos, será foco do nosso presente estudo. Em termos de línguas românicas, a tradução bilíngue grego-francês de Lallot de 1989 é geralmente tomada como referência.

Utilizaremos, no entanto, a tradução também bilíngue e notada de Chapanski, a qual, pelas informações reduzidas que ora possuímos, parece ser a primeira tradução do grego para a língua portuguesa dessa obra. No entanto, pudemos identificar que a parte dos comentários está muito próxima às notações de Lallot (1989). Por esse motivo, utilizaremos a tradução de Chapanski, mas faremos uso da parte crítica de Lallot.

Ao analisarmos a seção destinada aos verbos na gramática de Trácio, de imediato nos deparamos com informações já há muito propaladas no meio gramatical: “O verbo é uma palavra não sujeita à variação de caso, que admite tempo, pessoas, números e exprime atividade ou passividade.” (TRÁCIO apud CHAPANSKI, 2003, p. 30). Para Trácio, o verbo é um tipo de palavra que exprime acidentes específicos, tempo, pessoa, número, atividade e passividade, diferentemente dos nomes, que exprimem caso – nominativo, dativo, genitivo, entre outros.

De “parépetai”, a tradução “acidente” estaria remontando a ideia de “cair ao lado”, “ficar junto”, ao que Chapanski (2003, p. 62) explica resgatar a noção de

“peripatético”, aquilo que acompanha, que é acessório de alguma coisa. Esses acidentes mantêm-se firmemente até hoje nas gramáticas porque se tornaram pedras basilares do fazer gramatical e, muitas vezes, indiscutíveis. Isso não se passa apenas com os verbos, mas com todas as categorias que Trácio propõe, tanto que Delgado comenta que:

A gramática de Dionísio Trácio, junto com sua composição analítica, entrega à posteridade alguns conceitos unificados fundamentais que são pedras indiscutíveis de toda construção gramatical: flexão, verbo, nome, adjetivo, etc. É mais fácil aceitar seus dados como supostos que tentar negá-los, de tão enraizados que estão em nosso pensamento. (DELGADO, 1977, p. 95)⁴

Por conseguinte, essas categorias gramaticais não são inatas ao pensamento humano. É uma convenção alexandrina de descrição e normatização da “koinè”, a qual, pela relação cultural estreita entre gregos e romanos, passou a servir de base para a gramática latina também. A partir daí, o processo subsequente foi sua expansão para as línguas românicas, dado que no Renascimento, período em que começou a se firmar a noção de língua nacional na Europa, os intelectuais enxertaram essas pedras indiscutíveis na descrição das línguas romance para poder conferir-lhes estatuto literário e científico.

O capítulo 12 da “Τέχνη” trata do nome e o 13, do verbo. Até mesmo essa disposição de ensinar primeiro as propriedades do nome, para depois, as do verbo é uma convenção que se estabelece com Trácio. Nas escolas, o verbo não costuma ser ensinado primeiro que o nome. Segundo Lallot (1989, p. 159), a justificativa dos antigos para essa ordenação seria o fato de que o nome é colocado no começo da frase e o verbo lhe sucede necessariamente. Apolônio Díscolo firmará essa disposição. Isso significa que uma estrutura sintática específica do grego torna-se a regra de ordenamento dos capítulos de todas as gramáticas normativas ocidentais.

Em continuação, Dionísio especifica os acidentes do verbo em: “[...] o modo, a diátese, a espécie, a forma, o número, a pessoa, o tempo e a conjugação.” (TRÁCIO apud CHAPANSKI, 2003, p. 30). Esses acidentes são classificados como: (i) modo: indicativo, infinitivo, imperativo, optativo e o subjuntivo; (ii) diátese: voz ativa, voz passiva e voz média; (iii) espécie: forma primitiva e forma derivada; (iv) forma ou figura: simples, composta ou derivada da composta; (v) número: singular, dual e plural; (vi) pessoa: primeira – a que fala, segunda – a quem se fala, terceira – de quem se fala; (vii) conjugação: no grego antigo, dez conjugações com acento agudo e três com acento circunflexo; (viii) tempo: presente, passado e futuro (cf. TRÁCIO apud CHAPANSKI, 2003, p. 30).

Chapanski (2003, p. 62) explana que esses acidentes do verbo não estão necessariamente para a noção de “acidente” da tradição aristotélica, uma vez que nem todos eles são acessórios. Esta autora faz a diferenciação entre os acidentes inerentes ao verbo - conjugação e tempo – e os acessórios – número, pessoa, por exemplo. Cirbied (1830, p. 43) traduz “parépetai” por “circonstance” (“circunstância”).

Assim, preferimos não fazer essa divisão entre o que seja inerente e o que seja acessório no verbo: se o número e a pessoa são expressos pelo verbo, eles o fazem para

⁴ “La gramática de Dionisio Tracio, junto con su composición analítica, entrega a la posteridad unos conceptos unificados fundamentales que son piedras indiscutibles de toda construcción gramatical: flexión, verbo, nombre, adjetivo, etc. Es más fácil aceptar sus datos como supuestos que intentar negarlos, de lo enraizados que están en nuestro pensamiento.”

desempenhar alguma função, não podendo ser meramente acessórios. Compreendemos esses acidentes por traços significativos, caracteres dos verbos.

De qualquer forma, o que nos interessa é a questão do aspecto verbal, o qual não é tratado dentre os oito acidentes que Trácio enumera. Mas, quando da exposição sobre o tempo, há uma alusão de aspecto:

Há três tempos: presente, passado e futuro. Dentre eles, o passado tem quatro variedades, o imperfeito (extensivo) paratático, o adjacente, mais-que-perfeito, aoristo. Dentre esses, há três parentescos, o do presente com o imperfeito, o do adjacente com o mais-que-perfeito, do indefinido/ aoristo com o futuro. (TRÁCIO apud CHAPANSKI, 2003, p. 30)

Na divisão entre pretérito paratático, adjacente, mais-que-perfeito e aoristo (indefinido), há uma alusão ao aspecto verbal, posto que o pretérito paratático é continuativo, algo semelhante ao imperfeito latino; o adjacente se referiria ao aspecto perfeito; o aoristo é considerado pela tradição como sendo aspecto; e o mais-que-perfeito é a tradução-decalque do grego “hupersuntélikos”, no qual há a ideia de que perfeito poderia ser mais perfeito do que ele mesmo.

Além disso, os parentescos entre o presente e o imperfeito, o perfeito e o mais-que-perfeito e o indefinido e o futuro são as maneiras como esses verbos podem concordar em frases, no que também há uma alusão ao aspecto, pela relação morfológica dos tempos. Para designar o tempo, Trácio utiliza o termo “κρόνος” (“tempo”), o qual é ambíguo, pois pode representar tanto o tempo físico quanto os tempos da língua.

Lallot (1989, p. 169) explana que Aristóteles, ao opor nome e verbo, utilizou “κρόνος” no sentido de tempo físico, a partir do ponto de vista de como é simbolizado pelo sujeito: “[...] a temporalidade tal como é percebida pelo sujeito que se encontra imerso nela e que a estrutura com referência ao momento presente.” (LALLOT, 1989, p. 169)⁵. Vemos aí, em primeiro lugar, que colocar o presente como centro implica considerar a experiência humana e, em segundo lugar, que tomar o ponto de vista do sujeito não é uma atitude meramente contemporânea – já estava presente na Antiguidade.

Quanto ao termo presente (“ἐνεστώς”), ele é o particípio perfeito de “ἐνίστασθαι” que significa começar, então, implica algo que foi começado, que foi instaurado e abriu um processo; o passado (“παρὰληλυθώς”) é o particípio perfeito de “παρέκθησθαι” e denota passar do lado, ultrapassar; o futuro (“μέλλων”) é particípio presente do verbo “μέλλω” e expressa algo que deve tardar, demorar (cf. LALLOT, 1989, p. 169-170).

Como o leitor pode perceber na citação de Trácio que supramencionamos, esse gramático considera o imperfeito, o adjacente, o mais-que-perfeito e o aoristo como tempos pretéritos. Para comentá-lo, Lallot (1989, p. 170) atribui aos estoicos a definição de aoristo como sendo um tempo indefinido. Para fazer essa afirmação, ele faz um estudo do Espólio de Stephanus, gramático bizantino que comenta Trácio e disserta sobre a teoria estoica sobre os verbos.

⁵ “[...] la temporalité telle qu’elle est perçue par le sujet qui s’y trouve immergé et qui la structure par référence au moment présent.”

No Espólio de Stephanus (cf. MÁRSICO, 2003), explicita-se o fato de que os estoicos se referiam ao aoristo pelo termo “πόσος”, que significa quantidade. De qualquer forma, há um consenso entre os eruditos de considerá-lo como aspecto ou como um tempo indefinido. Isso corrobora a afirmação de Delgado (1977, p. 95) sobre o fato de que a gramática de Dionísio Trácio começou uma tradição que se enraizou em nosso pensamento e essa tradição se tornou muito solidificada, a pesar de ser possível encontrar nos próprios textos clássicos elementos que façam destoar dela.

Além disso, Lallot não só chama o aoristo de tempo indefinido, mas também faz a afirmação de que o aspecto verbal “συντελικός” (perfeito) acabou por designar o aoristo (cf. LALLOT, 1989, p. 171), sendo que o Espólio de Stephanus parece não apontar para isso. Esse autor também estabelece algumas diferenças entre a tradição de Dionísio Trácio e o Estoicismo: o que a tradição chama de “presente” é designado como “presente imperfeito”; o tempo “imperfeito” da tradição é mais precisamente chamado de “pretérito imperfeito” pelos estoicos; o tempo “adjacente” é o “presente perfeito” estoico; e o tempo “mais-que-perfeito” é designado como “pretérito perfeito” no Estoicismo (cf. LALLOT, 1989, p. 173).

Vejam os bem que, na nomenclatura estoica, há um presente imperfeito e um presente perfeito, o que é basilar para pensarmos os verbos. A partir do pensamento estoico que nos revela Stephanus, podemos postular a existência de um presente imperfeito “amo” e de um presente perfeito “amavi”, o que é central para compreendermos a relação entre tempo e aspecto segundo a perspectiva de que o aspecto verbal é eixo organizador dos tempos na conjugação verbal.

Com o passar do tempo, essa nomenclatura estoica, mais elaborada porque considera tempo e aspecto, acabou por ser simplificada, e permaneceu a nomenclatura de Trácio para a posteridade: “[...] não nos espantamos com o fato de que as designações duplas dos estoicos tenham sido abandonadas: elas não tinham nenhuma razão de ser.” (LALLOT, 1989, p. 176)⁶. Os gramáticos simplificaram a nomenclatura, mas complicaram o entendimento sobre a língua.

Por exemplo, sobre a menção ao imperfeito, tradução do grego “παρατατικόν”, Lallot (1989, p. 170) comenta que se trata de uma alusão do aspecto imperfeito, de caráter progressivo e não pontual. Entretanto, vemos, na citação de Trácio supramencionada, esse termo sendo utilizado com o sentido de tempo, não de aspecto. E sobre o termo adjacente, tradução de “παρακείμενον”, a tradição estaria apontando para o “tempo” perfeito.

Segundo Lallot (1989, p. 176), a nomenclatura estoica foi esquecida pela tradição porque não tinha nenhuma razão de ser. Julgamos que esse posicionamento não procede, dado que as designações duplas dos estoicos – presente perfeito e presente imperfeito, pretérito perfeito e pretérito imperfeito, por exemplo – podem ser fundamentadas pelo funcionamento da língua.

3. CONCLUSÕES

Segundo Cirbied (1830), a gramática designaria o que se chamava no século XIX de as humanidades: as belas letras, a literatura e a filologia. Por isso, ela podia

⁶ “[...] on ne sera pas étonné que les désignations doublés des Stoiciens aient été abandonées: elles n’avaient plus aucune raison d’être.”

designar a técnica da língua e a literatura, ao mesmo tempo. Platão e Aristóteles foram os primeiros a pensar os princípios gerais da linguagem. Górgias, Prodicus, Isócrates, Teócrito, dentre outros, também tomaram a linguagem como objeto, mas apenas a Escola de Alexandria conseguiu ir mais além.

Dessa escola, Zenódoto de Efésio, Erastóstenes e Aristófanes de Bizâncio tornaram-se célebres. O mestre Aristarco de Samotrácia abriu caminho para que seus sucessores avançassem mais, dentre eles, Apolodoro, Efeston, Dionísio de Halicarnasso, Dionísio Trácio e Apolônio de Alexandria, mais conhecido como Apolônio Díscolo.

No século I a.C, a “Ars Grammatica” de Dionísio Trácio foi a gramática mais difundida na Antiguidade, muito utilizada na instrução da juventude. Até o quinto século d.C, ela era clássica nas escolas de Atenas e de Alexandria. Os romanos herdaram a arte da língua dos gregos.

E é justamente pela herança grega que há na gramática romana que é possível encontrar muitas semelhanças entre a “Ars Grammatica” de Trácio e as nossas gramáticas atuais, o que podemos observar a partir da leitura que fazemos da obra de Trácio.

Com relação aos verbos, alguns nomes prevalecem até hoje, como o “pretérito mais-que-perfeito”, que é a tradução decalque do grego “hupersuntélikos”. Além do mais, da gramática de Trácio, herdamos a tradição de dar mais prevalência ao estudo do tempo que do aspecto verbal. Há apenas uma leve alusão ao aspecto verbal em Trácio. Já nas gramáticas de língua portuguesa, essa categoria verbal é desconsiderada.

Por essa nomenclatura, vemos que, na história da formação das gramáticas ocidentais, houve uma prevalência do pensamento alexandrino sobre o estoico. Na nomenclatura estoica, presente no Espólio de Stephanus, o aspecto verbal é colocado no centro da conjugação verbal, o que faz com que o tempo se organize em função dele. Julgamos que também é possível fazer isso em língua portuguesa, o que poderá ser demonstrado em um artigo futuro.

4. Referências

BOTAS, V. Introducción. In: TRACIO, D. **Gramática**: comentarios antiguos. Madrid: Gredos, 2002.

CHAPANSKI, G. **Uma tradução da Tékhne Grammatiké, de Dionísio Trácio, para o português**. 2003. 217f. Dissertação (Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

CIRBIED, M. Mémoires sur les langues, dialectes et patois, tant de la France que des autres pays. In: TRÁCIO, D. **Grammaire de Denis de Thrace**: tirée de deux manuscrits arméniens de la bibliothéque du roi. Tradução de M. Cirbied. Paris: Bureau de l’almanach du commerce, 1830. Disponível em: <<http://google.com/books?id=J5KM1jcH758C>> Acesso em 20 jan 2015.

DELGADO, F. Gramática clásica, gramática española, historia de la lingüística. **Revista Española de Lingüística**, Madrid, v. 7, n. 2, p. 81-96, 1977. Disponível em: <<http://www.sel.edu.es/pdf/jul-dic-77/Delgado.pdf>> Acesso em 30 dez 2016.

GUAL, C. Nota editorial. In: TRACIO, D. **Gramática**: comentarios antiguos. Madrid: Gredos, 2002.

LALLOT, J. **La grammaire de Denys le Thrace**. Paris: CNRS, 1989.

MÁRSICO, C. Los tiempos del verbo en la 'gramática' estoica. **Cuadernos de Filología Clásica: estudios griegos e indoeuropeos**, Madrid, vol. 13, p. 41-68, 2003. Disponível em:
<<https://revistas.ucm.es/index.php/CFCG/article/view/CFCG0303110041A>> Acesso em 20 abr 2016.

Data de registro: 26/05/2019

Data de aceite: 12/09/2019